
Rumos Itaú Cultural – Paço Imperial

Rio de Janeiro, 16-12-2009 a 18-02-2010

*Fernanda Pequeno**

Rumos Artes Visuais é um programa do Itaú Cultural que mapeia, fomenta e difunde a produção contemporânea brasileira, oriunda das diversas regiões que compõem o país. Normalmente montada de dois em dois anos, a exposição em cartaz no Paço Imperial diz respeito ao biênio 2008-2009 e possui como título e mote, unindo os trabalhos, as trilhas do desejo. A montagem não privilegia regionalismos ou a ideia de uma identidade unificadora que encontra uma feição para a produção brasileira, mas foca em obras cujas resoluções lidam com a sedução perceptiva, formal ou temática, privilegiando o confronto e o diálogo de suportes, linguagens e gerações de artistas que despontaram no meio artístico desde os anos 1990. Integralmente em cartaz no Rio de Janeiro, de dezembro de 2009 a fevereiro de 2010, depois de ter passado pelo próprio Itaú Cultural em São Paulo, de março a maio de 2009, e de ter proporcionado recortes montados em capitais brasileiras, a exposição traz as produções datadas de 2004 a 2009. Foram quarenta e cinco autores selecionados, que apresentam obras materializadas em setenta e dois trabalhos.

Por se tratar de uma coletiva que reúne grande número de artistas e obras, não se poderia indicar aqui todos os destaques interessantes e se opta por mencionar, brevemente, apenas os que sobressaem positiva ou negativamente, de acordo com algumas trilhas norteadoras, embora essas possam soar também redutoras. Ao longo do texto perceberemos como as ideias de eficácia, contundência, convite, sedução, captura por parte da arte, e mesmo as noções de jogo ou ironia, brincadeira ou fantasia [seja através de cidades, seres ou tempos imaginários], estão presentes nos trabalhos expostos, o que dá à mostra um aspecto extremamente coerente, apesar de não necessariamente homogêneo.

*Fernanda Pequeno da Silva (Rio de Janeiro, 1983) é curadora independente e crítica de arte, tendo publicado textos em revistas, tais como *Concinnitas* e *Dasartes* e em folders de exposições coletivas e individuais. Atualmente cursa o Doutorado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ, dentro de linha de pesquisa História e Crítica da Arte.

As ideias de convite e sedução subjazem em diversas obras, mas se manifestam, sobretudo, nas esculturas de Amalia Giacomini, intituladas *Entre*, caracterizadas por setas que apontam para a entrada da mostra: são vetores cuja força, horizontalidade e verticalidade não propiciam boas-vindas, mostrando-se, ao contrário, quase opressores porque bastante incisivos. Na sala seguinte estão as pequenas jóias de Julia Amaral: *Aranha*, *Besouro*, *Lacraia*, *Pássaro* e *Sapo*, animais fundidos em prata e bronze que são apresentados, tal qual o tesouro de um entomólogo. Presentes as ideias de fetiche e desejo a partir de animais não-sedutores, esses trabalhos dialogam com outros, expostos no segundo andar, que acionam a sedução e o corpo de uma maneira mais direta: como exemplo, as cartografias do feminino de *Sobre a pele*, de Elieni Tenório e o *Pretinho básico*, de Marina de Botas, que lidam com a categoria de mulher-objeto e a sua indumentária.

As trilhas da fantasia também estão presentes através de obras que lidam com a imaginação de seres, tempos e lugares, seja por um viés utópico, poético e epifânico, seja por um outro, mais crítico, ácido e incisivo. De qualquer maneira são obras que podem proporcionar uma apreensão mais silenciosa e melancólica, tal qual as pinturas noturnas de Jaqueline Vojta intituladas *Até que o céu caia sobre mim*, expostas na primeira sala. Em outra, está *Cronópios*, de Letícia Ramos que, apesar do título alusivo a *Histórias de Cronópios e de Famas*, não consegue sustentar uma relação poética com Julio Cortázar, mostrando-se mais uma experimentação com a câmera russa que realiza pequenos filmes, do que uma alusão direta ao realismo fantástico. Ao lado está exposto *Efêmera Paisagem*, de Alberto Bitar, um *road movie* formado por melancólicas imagens que lidam com memória e saudade, passagem e não pertencimento. A seguir, estão os mapas dos *Lugares Imaginários* e dos *Espaços Afluentes*, de Ilma Guideroli, bem como *O circo dos sonhos*, do Coletivo Gráfica Utópica, um filme lírico de influência expressionista alemã formado por imagens poéticas, trilha sonora primorosa e palavras de ordem. Daniel Herthel, por sua vez, apresenta pequenas esculturas de arame, na realidade, desenhos singelos no espaço cuja fragilidade rememoram a infância e suas brincadeiras. Em sua animação *Casa de máquinas*, com a mesma sensibilidade, o artista constrói a maquinaria e as engrenagens que darão vida à dança de uma boneca-bailarina.

Na sala seguinte está *Estudo para espaço*, de Marcelo Moscheta, formado por caixas contendo nuvens de algodão, em alusão à magritteana *Isto não é uma nuvem*, de Lygia Pape. Ainda no primeiro andar, temos também *Quimera*, de Alice Shintani, uma instalação que ilude

o espectador, colocando-o em dúvida sobre a existência ou não de um vidro e sobre a [im] possibilidade de adentrar o ambiente. Já no segundo pavimento, Luciano Zanette nos apresenta com seu *Mobiliário Melancólico* inutilizado, enquanto Kilian Glasner nos apresenta *Rua do Futuro*, fotografias da instalação que lida com a paisagem, o tempo e a destruição e Ariel Ferreira expõe *Mar-marau*, uma paisagem suscitada por imagens de um prédio em obras, cuja lona azul se soma ao barulho do mar e do vento, em clara referência a *Marulho*, de Cildo Meireles. A seguir, no mesmo andar, Amanda Mei expõe *Memorabilia*, a nostálgica e soturna instalação que relembra de maneira fúnebre a casa de avós e outros antepassados, enquanto de Dirceu Maués há ... *Feito Poeira ao Vento...*, 991 fotografias *pinhole* que formam o vídeo de imagens enevoadas do fluxo de acontecimentos no Mercado do Ver-o-Peso em Belém. Fechando a exposição está *Caixa de Som*, de Laila Terra, um capacete sonoro que suscita sinestesticamente diferentes lugares e paisagens imaginárias, tal qual o poético *O Livro dos Seres Imaginários*, de Jorge Luis Borges. Na mesma trilha, mas em um viés de delicadeza e humanidade, com enfrentamento do tempo como metáfora da vida, no primeiro andar encontra-se Tiago Romagnani, com *Cada mudança é um esforço de permanência* e *A saudade*, onde vazios, fragilidades, movimentos e outras habitações e configurações são suscitadas, e Tiago Carvalho, com *Galeria Boliche* de arte efêmera, que realiza mostras conectadas aos habitantes e trabalhadores do entorno onde se instala a galeria.

A ideia de jogo também se faz presente, seja como estratégia conceitual ou temática diretamente utilizada: na primeira sala está *Batalha Nava, I* de Laerte Ramos, uma grande instalação que permite a interação dos espectadores. O filósofo Hans-Georg Gadamer caracterizou o jogo como a possibilidade comunicativa, característica da arte moderna. Essa noção, entretanto, parece ter se acentuado desde os anos 1960 com a entrada do corpo nas obras e a exigência de uma participação para além da visual e, mais recentemente, embasada por Nicholas Bourriaud em seu *Estética Relacional*. Seguindo na exposição, temos *Sinuca de bico* e *Sinuca: bola 6 atrás da 5*, uma alusão direta ao bilhar, problematizando os limites entre pintura e escultura através do relevo de formas, texturas e volumes de diversos materiais, bem como a irônica noção de interação no jogo, devido às cores vibrantes, em nada convidativas, que foram utilizadas. Na mesma sala, estão *Eclipses Ocupações*, de Yana Tamayo, que lida mais com as ideias de ironia e brincadeira em suas fotografias de utensílios domésticos monumentalizados que, postos em primeiro plano, se igualam em importância e escala ao Conjunto Cultural da República em Brasília.

Outra trilha presente na mostra é a da experimentação formal com materiais e técnicas, levando a cabo uma pesquisa sobre os limites de um determinado meio ou espaço, tal como é apresentado por Rafael Alonso em seu *Desktop*, construído com fita adesiva colorida sobre mdf, apontando interessantes possibilidades para a pintura contemporânea. Do artista também estão expostos *Objeto Autodestrutível* e *Linhas em uma mesma direção*, ambas inteligentes explorações de texturas e materiais. Xeques-mates também são empreendidos por Ana Holck e C. L. Salvaro, que enfrentam arquiteturas: a primeira com o vídeo *Contra-muro* e o segundo com a instalação *Isolamento* e as esculturas *Cal e Carvão*. Shima, por sua vez, além da performance, também participa com *Contenção*, problematização sobre o corpo e o espaço urbano, seus aprisionamentos e desvios. Já Rafael Carneiro apresenta três interessantes pinturas de vistas superiores de galpões e laboratórios, espacialidades vazias mergulhadas em silêncio. Felipe Cohen expõe sua matriz construtiva com esculturas que apontam o controle e o contraste de materiais, enquanto Gabriel Neto realiza um desenho instalativo que redefine o espaço e a noção de gesto. No segundo andar, Nino Cais, Vitor César, Fabrício Lopez e Ernani Chaves questionam, respectivamente, as tradicionais noções e tipologias de colunas, identidade e território, retrato e paisagem, rigor técnico que a gravura exige, e a própria prática escultórica, através do elogio da precariedade que seus caixilhos empilhados proporcionam.

É interessante notar que várias obras e artistas aqui brevemente mencionados poderiam estar alocados em outras trilhas e categorias. Embora a leitura apresentada no texto não seja necessariamente a constituída na exposição, fica claro que, na montagem, estabeleceram-se diálogos entre os trabalhos, o que permitiu a não formação de nichos por artistas, como pequenas mostras individuais, mas que fossem estabelecidos confrontos entre as obras. A presença de textos ao longo da mostra, entretanto, explica demais, antes atrapalhando do que ajudando, impedindo que o espectador possa complementar com a sua leitura, tal como nos clama a noção de jogo de Gadamer – anteriormente citada – exigindo o estabelecimento de uma parceria e uma espécie de coautoria entre espectador e artista, uma vez que em um jogo todos são parceiros.

Seja como for, a exposição é resultado de árduo trabalho de levantamento e pesquisa da recente produção brasileira, bem como da seleção de inúmeros inscritos. Além da seriedade da mostra, o catálogo e o dvd contam com entrevistas, documentação e os relatórios do extensivo mapeamento empreendido por curadores e assistentes. É interessante notar, ainda, que o Programa

Rumos Artes Visuais no biênio 2008-2009 realizou seminários e workshops, encontros sobre história da arte, bem como a itinerância de recortes da exposição para diversas capitais do país. A referida edição também contemplou quatro artistas para bolsas de residência incentivando, assim, a formação e a consolidação da arte brasileira, sem pretensões identitárias, de brasilidade ou regionalismos, mas possibilitando a exposição de trabalhos em diálogo com seus pares e confrontos entre diferentes suportes e gerações de artistas, favorecendo, dessa maneira, a formação de uma – por que não? – arte contemporânea internacional brasileira.